



1º encontro
internacional
de Poesia

100+1 anos de João Cabral de Melo Neto

novembro 2021

1

I Caderno do EIP 2021/2022



Programa de Pós-Graduação em
Estudos Literários
Faculdade de Ciências e Letras
do Campus de Araraquara



ILCML | INSTITUTO DE LITERATURA COMPARADA
MARGARIDA LOSA



FCT
UIDB/05500/2020



FLUP PORTO
FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO



1º encontro
internacional
de Poesia

100+1 anos de João Cabral de Melo Neto

novembro 2021

2

Encontro Internacional de Poesia (1. : 2021 : Araraquara, SP)

E56i

I Caderno do EIP 2021/2022: I Encontro Internacional de Poesia – 100+1 anos de João Cabral de Melo Neto / I Encontro Internacional de Poesia; Araraquara, 2021 (Brasil). –

Documento eletrônico. - Araraquara : FCL-UNESP, 2022. –

Modo de acesso: <https://www.encontrodepoesia.com.br/>.

ISBN 978-85-8359-079-8

1. Poesia. 2. Literatura. 3. Poesia -- Estudo e ensino. I. Título.

CDD 808.1

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Camila Serrador da FCLAr – UNESP.



1º encontro
internacional
de Poesia

100+1 anos de João Cabral de Melo Neto

novembro 2021

136

Pernambuco e Sevilha revisitados nas últimas obras de João Cabral de Melo Neto

Pernambuco and Seville revisited in the last works of João Cabral de Melo Neto

FABIANE RENATA BORSATO⁶⁶

Universidade Estadual Paulista (UNESP)

⁶⁶ Doutora em Estudos literários, docente da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp de Araraquara e pesquisadora colaboradora do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade do Porto. É membro do grupo de pesquisa Teorias do Texto Poético da Anpoll e realiza pesquisa de pós-doutorado no Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp.



Resumo

Pernambuco e Sevilha são apresentadas por João Cabral de Melo Neto como duas regiões de aprendizagem da linguagem poética por possuírem paisagens e culturas em que o poeta encontrou temas, formas artísticas e ritmos matriciais de sua poesia. Neste trabalho serão comentados poemas das últimas obras do autor, em que a voz lírica retorna a Pernambuco e a Sevilha e encontra as duas localidades transformadas. O objetivo é discutir as reações dos sujeitos líricos diante dessas mudanças.

Palavras chave

João Cabral de Melo Neto, Pernambuco, Recife, Sevilha, poesia, sujeito lírico.

Abstract

Pernambuco and Seville are presented by João Cabral de Melo Neto as two regions for learning poetic language because they have landscapes and cultures in which the poet found themes, artistic forms and main entity rhythms of his poetry. In this work, poems from the author's last works will be commented, in which the lyrical voice returns to Pernambuco and Seville and finds both locations transformed. The aim is to discuss the reactions of lyrical subjects to these changes.

Keywords

João Cabral de Melo Neto, Pernambuco, Recife, Sevilha, poetry, poetic speaker.



Introdução

João Cabral apresenta de forma recorrente em sua poesia as regiões de Pernambuco e Andaluzia, respectivamente lugares de nascimento e de trabalho como diplomata. Em muitos poemas do autor, foram descritos os aspectos topográficos, culturais e socioeconômicos das duas regiões, tais como a disposição arquitetônica, os fenômenos climáticos, os deslocamentos e as configurações sociais, os elementos culturais e artísticos. Os sujeitos líricos desses poemas vivenciam os espaços, os descrevem e percebem de modo singular: Pernambuco é composto de uma paisagem árida e masculina; carente de presença de chuvas, de vida e de justiça social; na Andaluzia, Sevilha é a cidade acolhedora, feminina, de medida e proporções adequadas ao sujeito que com ela convive, é o lugar do cante e do baile flamenco, da cultura cigana e das festas de expressão popular.

As duas localidades, tão visitadas na poesia de Cabral, ora são retratadas isoladamente nos poemas, ora encontram-se reunidas em um mesmo poema, como são exemplos “Chuvas”, da obra *Serial*; “Pratos rasos”, “Cais pescador” e “Autocrítica”, de *A escola das facas*. Percebe-se, na forma de apresentação desses espaços, uma distinta mobilização afetiva da voz poética, passível de ser explicada pelas diferentes imagens e perspectivas adotadas para a descrição de Pernambuco e de Sevilha. Neste trabalho, serão discutidos poemas sobre Pernambuco e Sevilha enunciados por vozes líricas que, depois de algum tempo distantes das localidades, revisitam esses lugares e avaliam as mudanças por que passaram e como cada qual lidou com as transformações.

Pernambuco e Sevilha: entre a memória e a revisitação

As vozes líricas dos poemas de João Cabral apresentam a cidade de Sevilha como um espaço acolhedor, genuíno e íntegro. Essa imagem da cidade contém semas da interioridade uterina e do feminino sensual. Na obra *Quaderna*, no poema “Sevilha” lê-se: “A cidade mais bem cortada/ que vi, Sevilha;/[...] Ao corpo do sevilhano/toda se ajusta” (MELO NETO, 2020, p. 255). É a cidade sob medida, capaz de acolher corpos sevilhanos em seus becos e praças dos bairros antigos, como reitera o poema de *A educação pela pedra*, “O regaço urbanizado”: “[...] Eles têm o aconchego



que a um corpo/ dá estar noutra interno ou aninhado,/ para quem quer, quando fora de casa,/ seus dentro e resguardos de quarto.” (MELO NETO, 2020, p. 441)

Pernambuco, por sua vez, é apresentado com seu inigualável estado de lucidez, advindo da extrema carência, como afirmam os versos de “Duas paisagens”, poema que compara as paisagens catalã e pernambucana:

[...]

Em termos de uma mulher
não se conta é Pernambuco:
é um estado masculino
e de ossos à mostra, duro,

de todos, o mais distinto
de mulher ou prostituto,
mesmo de mulher virago
(como a Castilla de Burgos).

Lúcido não por cultura,
medido, mas não por ciência:
sua lucidez vem da fome
e a medida, da carência,

[...]

(MELO NETO, 2020, p. 167)

A crítica social advém do compromisso do poeta de expor as injustiças sociais de Pernambuco e do nordeste brasileiro. Cabral declarou que quando “soube que a expectativa de vida no Recife era de 28 anos, enquanto que na Índia era de 29” (FOTOBIOGRAFIA DE JCMN, 2021, p. 72), teve um choque emocional. E foi fora do Brasil que o poeta sentiu a necessidade ética de falar de seu estado natal, discutir o Sistema político e econômico nordestino baseado na



exploração de “severinos” e na construção de uma indústria da seca e da imigração, temas presentes nos livros *O Rio*, *O cão sem plumas*, *Morte e vida Severina*, *Quaderna*, *Serial* e *Dois parlamentos*. Cada vez mais distante de Pernambuco, devido à carreira diplomática, Cabral conta com a memória para escrever os *Poemas pernambucanos* que acabaram intitulados *A escola das facas* (1975-1980), devido ao maior apelo comercial do último título:

O título original era *Poemas pernambucanos*. Depois o José Olympio achou-o pouco comercial – Pernambuco, coitado, não tem nem o direito de dar nome a um livro. [...] meus poemas em geral falam muito de Pernambuco. Não os três primeiros livros – *Pedra do sono*, *Os três mal-amados* e *O engenheiro* -, que apresentavam uma poesia mais cosmopolita. Mas no quarto, *Psicologia da composição*, que eu escrevi em Barcelona, Pernambuco já aparece. Descobri Pernambuco fora do Brasil. Há também em *A escola das facas* muito de reminiscência. (FOTOBIOGRAFIA DE JCMN, 2021, p.195)

O livro *Agrestes* também reúne algumas histórias familiares e populares, em que a memória afetiva desencadeia uma série de imagens de Pernambuco, além de relatos vivenciados no passado, revelando um pouco da história de vida do próprio poeta. O poema “A rede ou o que Sevilha não conhece”, localizado na seção “Do Recife, de Pernambuco”, dialoga com “Retrato de Andaluzia”, presente na obra *Museu de tudo*, pois se neste poema Sevilha e Cádiz são cidades que se deixam “abraçar de uma vez, completas,” (MELO NETO, 2020, p. 465); naquele, a rede do Nordeste abraça o corpo, numa inversão entre a condição passiva de Sevilha e Cádiz que desconhecem o abraço ativo da rede nordestina:

A rede ou o que Sevilha não conhece

Há uma lembrança para o corpo,
a tua: é a de um abraço de rede,
esse abraço de corpo inteiro
de qualquer rede do Nordeste,
da rede que tua Andaluzia,



que é tão da sesta, não conhece,
e mais que abraço, é o abraçar
de tudo o que pode estar nele;
é abraço sem fora e sem dentro,
é como vestir outra pele
que ele possui e que o possui,
uma rede nas veias, febre.

(MELO NETO, 2020, p. 614-5)

Enquanto Sevilha entrega-se “inteira, feminina,/ e sensual ou sexual, de sesta.” (MELO NETO, 2020, p. 465), conforme anunciado nesses versos de “Retrato de andaluza”, a rede nordestina veste, possui e entranha o sujeito até o estado febril, é uma rede inerente ao sujeito, tipicamente nordestina, é um abraço total, com força e presença na memória e no corpo do sujeito, uma rede-afeto que só o nordeste possui e que nem mesmo o distanciamento físico do poeta conseguiu apagar.

Em muitos poemas de Cabral, Pernambuco é referência para a descrição e compreensão da configuração social, física e cultural de outras regiões. Entretanto, quando contíguo a Sevilha, enunciados em um mesmo poema, atenuam-se as denúncias das desigualdades sociais e praticamente desaparece a figura humana tão habitualmente presente e fundamental nos poemas sobre o nordeste brasileiro. A secura e a solidão nordestina desencadeiam o desejo de um outro, oposto, feminino, acolhedor e fértil, seja ele a chuva que raramente acontece no sertão nordestino, seja a cidade de Sevilha:

[...]

No Sertão de alma bruta
a chuva é mais que chuva.
É pessoa: e isso é mais
do que tudo o que traz.



E esse mundo viúvo,
mais que o verde futuro,
ama nela a presença,
corporalmente, fêmea.

(MELO NETO, 2020, p.325-326)

A representação fisionômica de Pernambuco e de Sevilha dá-se por equivalências cartográficas, por complementaridades entre o feminino e o masculino. O senso de proporção e medida são traços sevilhanos recorrentemente presentes em poemas que apresentam a cidade, por ser ela adequada aos corpos que a habitam. Cabral chegou a afirmar: “O que acontece é que Sevilha me caiu tão bem que até o Recife me pareceria ruim – se para lá tivesse ido saindo de Sevilha.” (FOTOBIOGRAFIA DE JCMN, 2021, p. 120). O sujeito lírico sente-se acolhido pela cidade que é um outro, distinto de si e fortemente desejado, inclusive no âmbito da escrita poética. No poema “Sevilhana pintada em Brasília”, Cabral apresenta a fisionomia da cidade por meio da crítica a um retrato impreciso que um pintor de Brasília fez de uma “mulher que tem da cigana/ que permeia Sevilha, Triana;” (MELO NETO, 2020, p. 733). Trata-se de um retrato prolixo, não planejado, de traços confusos. Pelo procedimento da equivalência, a mulher do retrato dá lugar à Sevilha de intensidade contida, traço singular, linha escorreita, limpa, funda e radical. Por comparação, o poema ainda aproxima o caráter de Sevilha e o projeto poético cabralino.

Neste sentido, a obra de João Cabral revela que Pernambuco e Sevilha são duas matrizes tratadas do ponto de vista de um sujeito atento às agruras político-sociais e às configurações naturais e culturais das localidades rigorosamente compostas e percebidas pela voz poética. O olhar dos eus-poéticos é crítico e afetivo, capaz de apresentar tanto histórias e experiências recentes e passadas, quanto problematizar as tradições andaluzas e as desigualdades sociais pernambucanas.

Sabe-se que em 1942 João Cabral deixou Recife para viver no Rio de Janeiro e para ali só retornou na condição de visitante, tendo sido registrada em sua biografia a participação na exposição bibliográfica de sua obra no Palácio do governo de Pernambuco, em 1980; em Sevilha viveu e trabalhou de 1956 a 1958 e de 1962 a 1964, retornando à cidade em 1992 para representar o presidente do Brasil na Expo92. Nas últimas obras publicadas entre as décadas de 70 e 90, devido ao distanciamento físico das duas localidades, João Cabral acionou de modo dominante a memória.



Em *Museu de tudo* (1975), no poema sugestivamente intitulado “O profissional da memória” (p.401-2), encontra-se a descrição e a análise do processo de inoculação de lembranças da cidade de Sevilha: o eu-poético procura guardar imagens domésticas e arquitetônicas que possam organizar, nos fios da memória, o corpo da mulher que habita Sevilha, bem como as ruas e as praças sevilhanas, sendo estas últimas espaços anunciados em outros poemas e descritos como habitáveis e aconchegantes⁶⁷. Entretanto, o profissional percebe que a memória só mantém vivas as lembranças mais próximas: “Mas, desconvivendo delas,/ longe da vida e do corpo,/ viu que a tela da lembrança/ se foi puindo pouco a pouco;/[...] A lembrança foi perdendo/ a trama exata tecida,/ até um sépia diluído/ de fotografia antiga.” (MELO NETO, 2020, p. 482). Como reação, contenta-se com a atmosfera da cidade de Sevilha mantida ativa pela presença da mulher: “Mas o que perdeu de exato/de outra forma recupera:/ que hoje qualquer coisa de uma/ traz da outra sua atmosfera.” (MELO NETO, 2020, p. 483). A manutenção de uma atmosfera sevilhana só é possível devido à equivalência entre a mulher e a cidade que João Cabral constrói em seus poemas.

A sabedoria de Sevilha

Conforme mencionado, é na condição de visitante que o poeta produziu um reduzido número de poemas que retratam a transformação por que passaram Pernambuco e Sevilha no período de três décadas. Há nesses poemas um trânsito entre os tempos passado e presente, entre a memória do conhecido e a imagem flagrada no presente da enunciação, entre a atmosfera das cidades e os fios puídos da memória. São eles: “Sevilha revisitada em 1992” (MELO NETO, 2020, p.736), “O Arenal de Sevilha” (MELO NETO, 2020, p.745) e “Sevilha e o progresso” (MELO NETO, 2020, p.763), todos poemas da obra *Sevilha andando*, sendo que os dois últimos encontram-se na seção “Andando Sevilha”. As transformações por que passou a cidade de Sevilha são o tema dos três poemas. O primeiro deles possui ancoragem temporal no retorno de Cabral a Sevilha para participar da Expo92:

⁶⁷ Ver os poemas “A mulher e a casa” e “Sevilha”, da obra *Quaderna*; “A urbanização do regaço” de *A educação pela pedra*; “As plazoletas” de *Sevilha andando*.



Sevilha revisitada em 1992

Ele foi visitar Sevilha
levando Sevilha consigo;
assim não teve de a levar
à Sevilha do tempo já lido.

Não foi por temer re-encontrá-la
dilacerada em avenidas
nem temer os mil automóveis
que formigueiram hoje Sevilha.

Tinha consigo a intimidade
que de Sevilha faz mulher
toda a que ela tem de Sevilha:
pois passeá-la não é mister.

Porque nesse quarto de hotel
- que é o que de menos sevilhano -
tinha-a entre quatro paredes
como se estivesse Sevilha andando.

(MELO NETO, 2020, p.736)

O eu-poético, ciente de que a Sevilha revisitada difere daquela vivenciada no passado, previne-se e leva consigo a mulher-Sevilha, evitando com isso passear pelas avenidas movimentadas e lidar com o trânsito de automóveis que dilacera o corpo da cidade. Assim, o eu-poético fecha-se no quarto impessoal do hotel para manter viva a imagem e a atmosfera das *plazoletas* acolhedoras da cidade de outrora. A expressão “como se”, no último verso, anuncia que é por meio do ficcional que o sujeito lírico mantém “Sevilha andando”. A solução que permitirá o contato íntimo com a Sevilha-mulher-cidade é paradoxal porque isola o sujeito no quarto para proteger do contato com a urbanização das largas avenidas do tempo presente, a mulher-Sevilha que trouxe consigo. Em lugar de andar Sevilha ou vê-la andando, o sujeito lírico imobiliza Sevilha



para manter viva a sua atmosfera de intimidade, o que é um procedimento novo porque em poema de *A educação pela pedra*, havia o anúncio de que Sevilha bem sabia como se proteger do processo de urbanização. Trata-se de “A urbanização do regaço”, em que o sujeito lírico descreve a topografia da Sevilha antiga, com suas ruas pouco anchas, praças e becos sem saída; espaços acolhedores porque diminutos, ocultos e pouco frequentados: “Eles têm o aconchego que a um corpo/ dá estar noutro, interno ou aninhado,/ para quem torce a avenida devassada/ e enfia o embainhamento de um atalho,/ para quem quer, quando fora de casa,/ seus dentros e resguardos de quarto.” (MELO NETO, 2020, p.425). Nestes versos, percebe-se uma certa forma de ser da cidade de Sevilha, capaz de se proteger do progresso que inevitavelmente atinge as cidades. Por isso, é quando revisita Sevilha que o eu-poético revela-se indisposto para levar a mulher que o acompanha à “Sevilha do tempo já ido.”. Soluciona o problema, mantendo-a consigo no quarto de hotel para que entre quatro paredes, fosse recuperada a atmosfera de quem caminha as ruas do bairro antigo sevilhano.

Um segundo poema que reúne os tempos passado e presente, assim como a distinta condição da cidade, é “O arenal de Sevilha”:

Já nada resta do Arenal
de que contou Lope de Vega.
A Torre do Ouro é sem ouro
senão na cúpula amarela.

Já não mais as frotas das Índias,
e esta hoje se diz América;
nem a multidão de mercado
que se armava chegando elas.

Já Rinconete e Cortadillo
dormem no cárcere dos clássicos
e é ponte mesmo, de concreto,
a antiga Ponte de Barcos.



Urbanizaram num Passeio
o formigueiro que antes era;
só, do outro lado do rio,
ainda Triana e suas janelas.
(MELO NETO, 2020, p.745)

Vê-se que Cabral recupera um passado histórico longínquo ao fazer referência ao dramaturgo e poeta barroco Lope de Vega (1562-1635) que esteve na cidade de Sevilha e escreveu uma peça teatral intitulada *El Arenal de Sevilla*, sendo o *Arenal* um bairro da antiga zona portuária da cidade. Também há menção à Torre do Ouro, situada próxima do *Arenal*, e uma das construções do século XIII que, assim como as muralhas, tinha a função de proteger a cidade e seu comércio. Ainda compunha este complexo arquitetônico a Ponte de Barcos, de 1171, atual Ponte de Triana, mencionada no décimo segundo verso, e que pelo rio Guadalquivir interligava Triana e o *Arenal* de Sevilha, sendo ela formada de treze barcos amarrados e unidos por uma passarela de tábuas resistentes para circulação entre as duas margens do rio⁶⁸. A terceira estrofe do poema faz referência à novela de Miguel de Cervantes, "Rinconete e Cortadillo", publicada na obra *Novelas exemplares*, em 1613. Vê-se que o sujeito lírico de "O Arenal de Sevilha" retoma informações históricas colhidas no Arquivo das Índias e na literatura de ficção barroca nas três quadras dedicadas a anunciar os poucos resquícios desse passado. Um número expressivo de signos de negação e falta (nada resta, sem ouro, não mais, nem) aponta o apagamento histórico do enfrentamento entre muçulmanos e cristãos e das relações comerciais resultantes da exploração das colônias. É preciso recordar que em 1956, Cabral residiu em Sevilha, a serviço do Itamaraty, para realizar pesquisas históricas no Arquivo das Índias. O poema parece aproximar o pesquisador e o leitor João Cabral, conhecedores de fatos e da literatura que compuseram o Século de ouro espanhol, momento em que a Espanha viveu um esplendor cultural e uma derrocada econômica. Com a retomada desses fatos, os versos problematizam a urbanização da localidade e a imposição de uma nova ordem e ritmo. O Passeio de Cristóvão Colombo, no século XX, constitui-se de uma

⁶⁸ Sobre a configuração urbana da cidade de Sevilha e mais especificamente sobre as obras acontecidas na área em que se localiza o *Arenal*, recomenda-se o artigo de Peter Ribon Monteiro, intitulado "Sevilha e o duplo Guadalquivir: breve análise do recente fenômeno de integração cidade-rio", informado nas referências deste trabalho.



larga avenida que margeia o rio Guadalquivir e a ele impõe não o ritmo adotado pela multidão no mercado, mas o ritmo do automóvel que por ela circula e “devassa” o espaço outrora descrito como um formigueiro. Se um formigueiro possui uma organização própria e funcional, o Passeio de Colombo apaga a complexidade arquitetônica e social, bem como a antiga história de dependência da zona portuária da chegada das riquezas que vinham da América e que eram tema da literatura.

A unidade promovida pela urbanização, anunciada no décimo terceiro verso, altera o bairro Arenal e o que dele se sabe depende de documentos ou do que contaram Lope e Cervantes. Por outro lado, o sujeito lírico parece adotar como contraponto o bairro de Triana e sua solidão. O emprego da pontuação parece ser recurso expressivo de reiteração do isolamento do bairro e do povo de Triana, protegidos da urbanização. Em momentos históricos diferentes, Triana conseguiu manter-se isolada, o que parece ser aprovado pelo eu-poético quando emprega o advérbio “ainda”, no último verso, que pode atribuir a Triana marcas de resistência e autenticidade, como reafirmam os versos de outros dois poemas do autor, respectivamente de *Crime na calle Relator* e da seção *Inéditos*: “Triana que de toda Sevilha/ foi o bairro mais marinheiro,/ e onde ganhou em nome de rua/ o que lhe roubaram em dinheiro.” (MELO NETO, 2020, p. 693), mas mantém a compostura “miúda, rebelde e tudo/ que há de Sevilha a Triana.” (MELO NETO, 2020, p.827). À história passada sobre a importância cultural, política e econômica do *Arenal*, o poema contrapõe o isolamento de Triana do outro lado do rio que, similar ao sujeito do quarto de hotel, utiliza-se de um subterfúgio geográfico para manter-se afastada da urbanização.

O relato da sabedoria com que a cidade de Sevilha enfrentou o crescimento urbano também está presente em “Sevilha e o progresso” que encerra a seção “Andando Sevilha”:

Sevilha é a única cidade
que soube crescer sem matar-se.

Cresceu do outro lado do rio,
cresceu ao redor, como os circos,

conservando puro seu centro,
intocável, sem que seus de dentro



tenham perdido a intimidade:
que ela só, entre todas cidades,

pode o aconchego de mulher,
pode o macio existir do mel,

que outrora guardava nos pátios
e hoje é de todo antigo bairro.

(MELO NETO, 2020, p. 763)

O núcleo de Sevilha, a que se refere o poema, é o chamado *casco antiguo* na forma de uma amêndoa, composto por ruas estreitas e tortuosas em que se localizam as construções arquitetônicas medievais e renascentistas, com uma configuração espacial bastante diversa do entorno moderno, tramado por linhas perpendiculares e previsíveis ângulos retos destinados à circulação de automóveis e de outros veículos surgidos com a modernidade e a revolução industrial.

O poema contrapõe dois tempos e dois espaços, ressaltando a sabedoria com que a cidade soube conciliar os opostos. O centro antigo de Sevilha manteve seus traços de pureza, de aconchego, de um existir feminino pautado no bem-estar e na recepção calorosa do transeunte. Ao redor, como uma moldura a destacar ainda mais as diferenças, a modernidade impôs-se, mas sem conseguir atingir o núcleo que se manteve preservado, conforme anuncia a voz poética.

Quando aproximados os três poemas sobre a Sevilha de outrora e a atual, tem-se a presença de duas ordens: aquela dos bairros medievais e uma outra marcada pelo projeto de urbanização dos territórios, iniciado no século XIX e intensificado no século XX. Sevilha consegue conservar intacta a ordem antiga e o eu-poético de “Sevilha revisitada em 1992”, que a vivenciou em “tempo já ido”, soube reencontrá-la em corpo similar, aquele da mulher que mantém pulsante o andamento rítmico-estético da cidade, ainda que no reduzido e impessoal espaço do quarto de um hotel, símbolo do compacto *casco antiguo* sevilhano. No poema “O arenal de Sevilha”, a condição ilhada do bairro de Triana a preserva da intervenção praticada na outra margem do rio. A cidade de Sevilha, dividida pelo rio Guadalquivir, mantém Triana fora dos planos sucessivos de



transformação do bairro do *Arenal* e do curso do rio. Há registros de que a urbanização teve por consequência a construção do extenso Passeio de Cristóvão Colombo: “Com a saída do porto, o velho *Arenal* é reformado em 1980, dando início ao processo de reintegração que irá se desenvolver gradativamente nas décadas seguintes.” (RIBON MONTEIRO, 2009, p. 660). Do ponto-de-vista do sujeito lírico, o *Arenal* tornou-se homogêneo; mas o bairro de Triana que tem nas janelas a metonímia de sua configuração arquitetônica caracterizada por sobrados de poucos andares e iluminados pelas muitas janelas voltadas para o rio, mantém-se livre da urbanização. Também no poema “Sevilha e o progresso” há o anúncio de que à revelia da urbanização das margens da cidade, a parte antiga resiste e se mantém “intocável”.

Longe ou perto de Sevilha, no tempo presente ou pela mediação da memória, o eu-poético estabelece com ela uma relação histórico-cultural afetuosa, estética e sensual. A paisagem e a cultura do lugar parecem promover a integração do eu-poético com o espaço e seus elementos. Determinantes pictóricos e topográficos mantêm em Sevilha espaços do desejo e do bem-estar, sendo que da perspectiva do eu-poético de “Sevilha e o progresso”, a cidade viva porque a única “que soube crescer sem matar-se.”

Uma outra Recife e um singular Pernambuco

Sobre Pernambuco, e mais especificamente Recife, selecionamos os poemas “Ao novo Recife”, publicado em *A escola das facas* p. 449; “Cais do Apolo” e “The Return of the native”, presentes na obra *Agrestes*.

Na leitura do primeiro poema selecionado, pode-se evocar o texto de Walter Benjamin, intitulado “O narrador”, que apresenta duas classes de narradores representados pelo marinheiro comerciante que viaja e conhece outras terras e culturas e pelo camponês sedentário que não se distancia de sua terra. Ambos são narradores experientes e capazes de relatar histórias locais ou distantes e de formar artífices que aperfeiçoam constantemente a arte de narrar. Ainda segundo Benjamin (1985), a narrativa tem uma dimensão prática e sua “utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida” (p. 200). A voz que “aconselha” no poema “Ao novo Recife”, parece aproximar-se da condição do viajor, “alguém que vem de longe” (BENJAMIN, 1985, p.198) acumulando experiências para



contá-las em forma de narrativas orais, também apresenta o caráter exemplar das narrativas práticas. Benjamin (1985) afirma que as narrativas exemplares são importantes para a formação do ouvinte porque oferecem conhecimentos e conselhos, mas as experiências desmoralizantes que as sucessivas guerras geraram no século XX comprometeram as tentativas de troca de experiências narrativas. Assim, o conselho também se tornou inviável ou interdito na nova configuração política e social. Parece ser o que acredita o sujeito lírico do poema que não se sente autorizado a aconselhar:

Embora não me sinta o direito
de te dizer sim, não, dar conselho,

conto com que todo esse progresso
que derruba o onde fui (e ainda levo)

faça mais fácil o mão-a-mão
de mão a mão distribuir o pão,

e que tua gente volte ao “bom-dia”
de quando lá toda se sabia.

(MELO NETO, 2020, p. 532)

Embora no primeiro dístico o sujeito lírico afirme seu desconforto na arte de aconselhar, é o que ele fará nos dísticos subsequentes. A expectativa é a de que o progresso do agora não derrube o outrora que marcou a formação do próprio sujeito lírico, expresso nos verbos “fui” e “levo” que se referem a uma constituição do sujeito e de sua memória. De modo sintético, em apenas três versos, o sujeito anuncia o que lhe parece fundamental quando o assunto é progresso: a equidade social. Distribuição de pão e de bom-dia seria o esperado pelo novo Recife progressista. Instaurando uma voz lírica visitante, similar à do viajor benjaminiano, o poema opta pelo distanciamento do sujeito lírico, marcado por um discurso formal, como se fora um estrangeiro na nova Recife, enquanto no passado o território e sua dinâmica lhe foram tão próximos. A voz lírica não só aconselha, como desafia a nova Recife a basear-se na justiça social, ainda que o quarto verso provoque certa desconfiança sobre o cumprimento do esperado e desejado, expressa



principalmente no emprego do verbo “derrubar”, semanticamente contrário às expectativas do eu-poético.

O poema “Cais do Apolo” também problematiza a modernização e o progresso do Cais, com seus arranha-céus e computadores. Há o relato de que no passado, o Cais fora habitado, durante o dia, por armazéns destinados à atividade comercial ligada à produção canaveira; enquanto à noite convertia-se em um espaço de reunião de trabalhadores em busca de diversão e prazer sexual⁶⁹. Era à noite que o Cais aproximava sujeitos de esferas sociais e econômicas diferentes, subvertendo a ordem alicerçada em injustiças e segregação sociais. Entretanto, com o aterramento e a urbanização do Cais, a segregação tomou conta de tudo e não há mais qualquer indício de partilha:

Cais do Apolo

1.

No Cais do Apolo, no Recife,
fazia-se literatura,
com muito beber de cachaça
e indiferentes prostitutas.

De dia, nenhum ia nele
e assim dele pouco sabia:
dos armazéns escancarados
onde açúcar entrava e saía,

onde barcaças, barcaceiros,
onde escritórios, escrituras:
de dia, todo do comércio,
de noite, de Rimbaud, das putas.

⁶⁹ Este poema foi analisado mais detidamente em: BORSATO, F.R. Paisagem e metapoética em poemas de João Cabral de Melo Neto, conforme informação nas referências deste trabalho.



De noite, os lampiões amarelos
fingiam a noite europeia
entrevista em filme francês
(usava-se muito “atmosfera”).

2.

Agora, nenhum Cais do Apolo,
nem Cais do Brum, há que se veja.
São cais nas placas das paredes,
mas a água até eles não chega.

Antes foi cais de mar e rio
(no fundo, era um cais de marê),
hoje é cais de terra aterrada
(onde as barcaças, *chevrolets*).

Muitos arranha-céus cresceram
naquelas praias devolutas
e os computadores que trazem
dão com Rimbauds, se algum perdura.

Hoje, no que foi Cais do Apolo,
literatura não há mais:
melhor para a literatura
que sem entreluzes se faz.
(MELO NETO, 2020, p. 600-1)

Da memória passada do Cais à imagem presente, está anunciado um traço do progresso que atinge a região do nordeste e que é contrário ao que ocorre em Sevilha: o da exclusão e eliminação de outras formas de existência. O Cais do passado era um espaço de encontro, de efervescência cultural, mas o aterramento afastou a água do “Cais”, os armazéns foram substituídos



por edifícios e por outras formas de vida. A gentrificação da paisagem recifense é da ordem da triagem, do apagamento das marcas da paisagem com sua dinâmica peculiar que promovia a “mistura de águas e discursos.” (BORSATO, 2017, p.1799)

Há um terceiro poema sobre a problemática transformação por que passou o estado de Pernambuco: “The return of the native”, cujo título faz referência ao romance de folhetim homônimo, escrito em 1878, por Thomas Hardy. A voz poética, sabedora de que não retornará ao local de origem, encontra no poema a possibilidade de ficcionalizar um regresso à origem: “para fingir a volta a casa/ desenrola esse carretel/ que sabe é de um fio de estopa/ (desenrolado, vira mel). [...] O Pernambuco de seu bolso/ (que é onde vai sua ideia de céu),/ como um cão no bolso, é distinto/ do que vê quem que o conviveu.” (MELO NETO, 2020, p. 613). Há a confissão de que em sua escrita poética, um Pernambuco singular foi recriado, motivo por que não será reconhecido pelos pernambucanos, nem mesmo pelos historiadores. O Pernambuco matricial dos poemas de Cabral não pode ser encontrado nem mesmo pelo sujeito lírico, caso para lá retornasse, porque “Não acha a casa nem a rua,/ e quem não morreu, dos amigos,// amadureceu noutros sóis:” (MELO NETO, 2020, p. 614). Essa ausência de familiaridade do pernambucano que encontra um “desastre” (MELO NETO, 2020, p. 614) no regresso fingido, explicita o traço de subjetividade com que a memória e a linguagem poética constroem a imagem singular do Pernambuco do passado. O discurso poético “arqueológico” recupera o espaço “longe e velho”, como se uma fotografia fosse, portanto marcado pela perspectiva do fotógrafo. E se no poema “De um avião” (MELO NETO, 2020, p. 231-236), Pernambuco é descrito de diferentes distâncias pela voz que o apreende de dentro de um avião que decola, até que a altura só permita “ver” o estado pernambucano por meio da ativação da memória visual; em “The return of the native”, a apreensão de Pernambuco dá-se de modo ficcional, no processo de composição do poema. O eu-poético lúcido sabe que “acabará num chão sulino” (MELO NETO, 2020, p. 613) e que não voltará à terra de origem, por isso faz do poema o lugar de invenção de um retorno que talvez o poupe de reconhecer as transformações por que passou o seu antigo Estado/casa.



Algumas considerações sobre a revisitação de Pernambuco e Sevilha nos poemas de Cabral

João Cabral, ao problematizar as transformações advindas de processos de urbanização e modernização das cidades, reúne uma série de elementos que desenha duas imagens das cidades, ambas marcadas pela intervenção ou não do progresso e de suas intenções de urbanização. Os eus-poéticos de João Cabral são sujeitos em movimento, estão entre um aqui e um ali, atentos observadores da história e das marcas inscritas nas cidades.

As duas regiões apresentam uma certa direção ética captada pelo sujeito lírico atento e abertos a uma certa forma de ser, com que tem afinidade ético-estética. Entre o observado e o horizonte de expectativa está a figuração e a re-figuração dos espaços de quem o sujeito apreende valores e formas poéticas.

Sevilha parece adotar uma certa moldura que a distingue de uma urbanização que poderia corrompê-la. A operação de deslocamento da Sevilha, condensada no corpo da mulher, para dentro de um quarto de hotel é ação de proteção contra a urbanização que pode corromper a cidade poética. Cabral anuncia que a cidade andaluza sabe conviver com este outro, seja pela questão geográfica de um rio Guadalquivir que isola Triana na outra margem, ou de um *casco antiguo* que, localizado no centro da cidade, funciona como um núcleo fechado em torno do qual orbita a urbanização, ou ainda pelas quatro paredes do quarto de hotel que protegem a mulher-Sevilha do tumulto das avenidas movimentadas. Sevilha aceita a contiguidade, sem permitir a deturpação de seu território que é também uma forma de ser. Pernambuco, por outro lado, não consegue preservar-se de seu entorno, sendo impossível a contiguidade entre o espaço de outrora e o atual. Nele, o progresso produz despersonalização, cabendo à memória e à poesia o importante movimento de preservação do território de outrora ou, conforme Benedito Nunes (1971):

(...) é a parte morta e calcinada da experiência subjetiva que a expressão lírica traz à tona da linguagem. Essa calcinação, que João Cabral hesitou em aceitar no seu valor de resto, de detrito, pareceu-lhe depois a condição



mesma da passagem do psíquico ao poético, da poesia estado emocional à poesia como estado da linguagem, por obra da interferência voluntária da atenção que cristaliza a lembrança e os sentimentos desagregados ou putrefatos (...) (p.57)

O nativo sabe que somente a ficção do poema pode manter viva a fotografia de um Pernambuco pessoalíssimo. É na organização da palavra poética que Cabral reorganiza o espaço pernambucano e lhe dá a permanência que a gentrificação apagou.

Referências

ALBARDONEDO FREIRE, Antonio José. **El urbanismo de Sevilla durante el reinado de Felipe II**. Sevilla: Guadalquivir ediciones, 2002. Disponível em: <<https://idus.us.es/handle/11441/88038>> Acesso em nov 2021.

BENJAMIN, Walter. O narrador, considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política – ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sergio Paulo Rouanet e Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 197-221.,

BORSATO, Fabiane Renata. Paisagem e metapoesia em poemas de João Cabral de Melo Neto. In: **Anais do V CONALI - Congresso Nacional de Linguagens em Interação: Múltiplos Olhares**, 2017, p. 1788-1808. Disponível em: <<https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWFpbm91bnRlZC93ZjB25hbGl8Z3g6NmY1ZGQyODc3MzEyOTk5MA>> Acesso em nov 2022.

Fotobiografia de João Cabral de Melo Neto. Org. Eucanaã Ferraz. 1 ed. Rio de Janeiro: Verso Brasil Editora, 2021.

MELO NETO, João Cabral de. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2020.



1º encontro
internacional
de Poesia

100+1 anos de João Cabral de Melo Neto

novembro 2021

NUNES, Benedito. **João Cabral de Melo Neto**. Petrópolis: Editora Vozes, 1971.

RIBON MONTEIRO, Peter. Sevilha e o duplo Guadalquivir: breve análise do recente fenômeno de integração cidade-rio. **Revista PosFAUUSP**, v.16, n.26, São Paulo, dez de 2009, p.92-108.

Disponível em <<https://www.revistas.usp.br/posfau/article/view/43641>> Acesso em nov de 2021.